

CONCURSO ILUSTRACÃO BARRANCOS



CONTOS RECOLHIDOS PELO
DR. LEITE DE VASCONCELOS, EM 1938 E 1939,
TRANSCRITOS NO LIVRO FILOGIA BARRANQUENHA,
APONTAMENTOS PARA O SEU ESTUDO
(FAC-SIMILE DA EDIÇÃO DE 1955)

NOTA PRÉVIA

A proposta de tradução apresentada pretende não desvirtuar a versão original dos contos, em Barranquenho.

Deste modo, foi feita a adaptação possível para o Português, ao nível da ortografia para facilitar a leitura, compreensão e interpretação dos textos.

Manteve-se, contudo, a pontuação original, bem como algumas palavras e expressões, de fácil entendimento.

ÍNDICE

Belhita.....	4
Mal d´amores	6
A menina e a moura.....	9
Noivo disfarçado em mendigo.....	111
Periquito e Periquita.....	13
O coelhinho	14
Má sorte de um lobo	16

Belhita

Era uma vez um negociante que tinha três filhas: as duas mais velhas eram muito vaidosas, e a mais nova era mais sossegada, e chamava-se Belhita.

O pai um dia, num negócio perdeu a casa, e tudo o que tinha, ficando só com um pequeno monte lá muito longe: e depois tiveram de ir todos para lá; estiveram lá dois ou três meses e tudo que tinham para comer acabou. Então o pai teve de ir ao povo fazer compras, e perguntou às filhas o que queriam que ele lhes trouxesse do povo; as duas mais velhas disseram-lhe:

-Traga-me um anel.

E a mais nova, como não lhe encomendava nada, lhe disse o pai:

E tu, Belhita, o que queres que te traga?

E ela disse-lhe:

- Se por acaso der jeito, traga-me uma rosa branca.

Mas o pai demorou-se muito no povo, e quando regressava, já era de noite. Perdeu-se no caminho, e quando viu ao longe uma luz, foi na sua direção. Chegou, e era uma cabana; entrou por uma porta, e era um palácio o que ali estava. Meteu o cavalo na cavaleriça, e enfiou-se por uma escada acima, e ao chegar lá acima, havia uma cozinha com um grande lume; e como levava muito frio, aproximou-se, e aqueceu-se.

Passou ali a noite, até que se fez dia. Logo pela manhã começou a andar por ali a ver se via alguém, até que chegou ao jardim; e ao ver muitas rosas brancas lembrou-se do pedido da filha, e ao cortar a rosa, ouviu-se um ruído muito grande, e apareceu um monstro que lhe disse:

- Vens tirar-me a flor que mais estimo, depois de te tratar tão bem?

Então o homem contou-lhe o porquê de o ter feito. E o monstro disse-lhe:

- Apesar disso, vai ver a filha.

Mas tinha de voltar ou trazer a filha. Ele foi-se embora, e quando estava quase a chegar, saíram ao seu encontro as três filhas. Ao chegar perto dele, disse-lhe. Que má notícia lhe trazia, e que não lhes trazia nada, porque o dinheiro não tinha chegado para nada. E à filha que lhe pediu a rosa disse-lhe:

- Toma filha, que bem caro me vai custar!

Então contou-lhes. E quando chegou o dia, a filha não quis que o pai fosse, e foi ela. Quando lá chegou, viu a mesa posta sem saber quem a punha; e era

sempre assim, quando eram horas de comer. À noite, quando estava a cear, ouviu um barulho, e foi, veio o monstro e sentou-se ao pé dela e disse-lhe:

- Gostas que te veja cear?

E ela respondeu-lhe:

- Você é o dono.

- Aqui não há outro dono, senão tu.

E se queria casar-se com ele, também lhe disse. Ao que ela lhe respondeu que não.

Todas as noites aparecia, e perguntava-lhe o mesmo; e ela, como estava aborrecida, porque durante o dia não via ninguém; estava desejando que chegasse a noite para falar com ele.

Passaram-se quatro noites sem vir, e ela foi, saiu à procura dele para o jardim, pois estava preocupada por não o ter visto; e foi encontrá-lo debaixo de uma árvore, meio morto, e então puxou-lhe do braço; ele levantou-se, fez-se num príncipe, e casaram-se os dois, e lá ficaram muito felizes.

Mal d'amores

Era um matrimónio, e não tinha filhos, e a mulher ia todos os dias à missa a pedir a Santo António que lhe desse um filho ou uma filha, e disse-lhe Santo António que se queria um filho, aos sete anos teria que ser enforcado, e se queria uma filha, tinha de ser mulher do mundo.

Agora combinou a mulher com o marido, para pedir uma filha, e procurar uma ama de leite, que tivesse uma menina, e a levaram a um castelo que tinham numa propriedade que tinham num campo, até à idade de vinte anos. E já um dia, disse ela à outra irmã:

- Vamos ver para onde dá o nosso castelo.

Abriam uma janela, e dava para o jardim do rei, onde havia muitas flores e muitos perais carregados de peras. Agora disse ela à outra irmã que ia buscar uma cestinha de peras.

Depois, chegou ao jardim. O jardineiro, assim que a viu, pôs-se de joelhos, porque era tão linda, que ele pensou que era um anjo do céu, e disse-lhe:

- Vem com Deus, mãe de Deus! Apanhe, que todas são para você.

Encheu a cestinha de peras, e pôs umas flores por cima, e foi para o castelo. Ela ia um dia sim, um dia não. Agora vai o filho do rei um dia para o jardim, e diz ao jardineiro:

- O que lhe tens feito às peras do meu peral, porque no peral do meu pai todos os dias se apanham peras, e estão carregados de peras?

- Aqui vem um anjo do céu um dia sim e um dia não, traz uma cestinha e a enche de peras do seu peral, e logo põe-lhe uma florzinha por cima, e vai-se embora.

- E quando é que ela vem?

- Vem com Deus, mãe de Deus! Apanha, que todas são para você!

- Pois hoje é dia de vir.

- E tu quando ela vem, o que lhe dizes?

- Pois eu digo-lhe: - Vem com Deus, mãe de Deus! Apanha, que todas são para você.

- Pois tu esta tarde, quando ela vier, não lhe digas nada, para ver o que ela faz.

Mas ele, assim que a viu, pôs-se logo de joelhos, e disse:

O filho do rei estava escondido e, quando ela ia embora, deitou-lhe a capa por cima, e levou-a para o seu quarto, e aquela noite dormiu com ela.

A rapariga nunca mais voltou ao jardim. E o filho do rei ficou doente de pensar na rapariga. Quando chegou o tempo, ela teve uma menina. A irmã vestiu-se de velho, e meteu a menina numa condessa, pondo-lhe por baixo a roupa do pai, que ela tinha trazido do quarto em troca da dela que lá deixou. E dizia pela rua:

- Flores, primores!

Para o filho do rei que tem mal de amores!

Agora correm as criadas do rei a dizer à senhora: que andava um velho a vender *flores, primores, para o filho do rei que tem mal de amores*.

A rainha mandou a criada chamar o velho e perguntou ao velho:

- O que é que vende?

- Flores, primores, para o filho do rei que tem mal de amores.

Mas deixei os pesos esquecidos na estalagem.

Se queres, deixo aqui o cestinho e vou pelos pesos.

- Pois vai buscá-los.

Ele foi, e nunca mais voltou. A menina logo começou a chorar.

A rainha foi tirá-la do cesto, e viu logo a roupa do filho e reconheceu-a. E corre com a menina ao quarto do filho. O filho, logo que viu a roupa, reconheceu que a menina era a filha dele. Procuraram uma ama e deram-na a criar.

Já tinha a menina cinco ou seis anos e não sabia quem era a mãe.

Agora o filho do rei trata já de casar-se com outra mulher. Já se começaram os festejos do casamento. Onde foi convidada toda a gente do povo. Eram três salas cheias de gente: primeira classe, segunda e terceira classe. Do vestido da mãe, mandou o rei fazer um vestido à menina, para ver se conseguia descobrir quem era a mãe da menina.

Antes do casamento foi a menina a todas as salas onde estavam todas as pessoas, para ver se assim conseguia saber quem era a sua mãe. E chegando às salas, ia dizendo, em companhia do pai:

- Senhoras que são formosas levantem-se e façam-me a continência, e digam-me quem é minha mãe, em que dou pena de pai, muita tristeza de mãe.

Chegou à sala onde estava a sua mãe, e disse, o mesmo, e a mãe levantou-se, e disse:

- Cala, Cala, inocente criatura,
vai dizer ao teu pai que eu fui a sua aventura.

E depois o filho do rei deixou a outra rapariga, e casou-se com a mãe da menina. E lá ficaram todos no palácio, em amor e companhia.

A menina e a moura

Eram sete irmãos e uma irmã; os irmãos foram correr o mundo, e ficaram a irmã sozinha. Ela um dia foi lavar a um barranco e tirou uma touca que levava, e veio uma águia e levou-lhe a touca; e agora ela saiu correndo, e dizendo:

- Aguiazita, dá-me a minha touquinha.

A águia dizia-lhe:

- Anda mais para a frente, que onde estão os teus irmãos, ali a dou.

A águia foi e a deixou cair em cima de uma choça, e a rapariga chegou lá, abriu a porta da choça e deixou-se ficar ali até que vieram os irmãos, e logo à noite vieram. Eles nunca mais quiseram que ela se fosse embora, para que ficasse ali tratando deles.

Dali logo a três dias foi buscar acelgas, e encontrou uma velha, e lhe disse:

-Não vás tão longe, deixa que eu levo aqui e dou-te.

E ela foi-se embora, e à noite, quando vieram os irmãos estiveram jantando, mas ela não tinha vontade, e então não comeu.

Ao outro dia levantou-se e estavam os irmãos feitos em bois, e logo ela não teve mais remédio que levá-los a comer pelo campo. Dali a dois ou três dias foi, passou por um caminho onde a viu o filho do rei, e lhe disse porque estava ela ali, e ela lhe esteve contando.

O rei então lhe disse que se deixasse ficar ali subida numa árvore, que ele ia levar os bois e voltava a buscá-la.

Debaixo da árvore estava uma fonte onde ela via a sombra dela, e por acaso veio uma velha buscar água, e ao ver a sombra, dizia:

É tão bonita e tão formosa...

Vim por água aqui à poça!

Partiu o cântaro, e foi para casa. Assim veio dois ou três dias, até que veio com um de lata; e este já não era capaz de o partir; e tantos golpes lhe deu, que a rapariga riu-se.

A velha, ao vê-la, disse-lhe:

- O que fazes aí subida? E então a rapariga lhe esteve contando que estava esperando o príncipe.

E ela lhe disse:

- Baixa, que te penteio para que estejas mais bonita, quando ele venha.

A rapariga se fez caso, e quando a estava penteando espetou-lhe um alfinete na cabeça; fez-se numa pomba e se foi voando; e depois, a velha subiu-se na árvore e esperou o príncipe.

Quando este veio, e a viu, lhe disse:

- Tão bonita que te deixei e, tão feia que te tens posto!

E ela lhe respondeu:

Você tanto se tem tardado.

Que o sol me tem torrado!

O rei então levou-a, e casou-se com ela.

Logo depois de algum tempo aparecia a pomba ao jardim e cantava assim:

- Como vai o rei com sua rica moura?

- Bem, senhora!

-E o menino canta ou chora?

-Canta, senhora.

-E eu por estes campos só e os meus tristes irmãozinhos trazendo cal e terra para o campo da Moura! O rei ao ouvir isto, tratou de apanhar a pomba, mas ele armava o laço e a velha o tirava; até que um dia a apanhou.

Ele a tratava muito bem, só a velha é que a tratava mal.

Um dia estava o rei estava passando a mão pela cabeça da pomba, e ao ver um vulto na cabeça puxou, e era o alfinete.

Então foi, se fez formosa o mesmo que era, e lhe esteve contando tudo; casaram-se e mataram a velha; e ali ficaram vivendo.

Noivo disfarçado em mendigo

Era uma vez um matrimónio, que tinha uma filha muito bonita; ali na terra deles não havia outra como ela.

Tinha um noivo muito rico, e já estavam preparando tudo para o casamento.

Os pais dela não queriam que ela casasse com o rapaz, porque estavam sempre zangados com os pais dele, por causa de umas terras que lhe tinham comprado e [o comprador] não lhe queria pagar.

Como os pais dele eram muito ricos, convenceram-se todos daquele povo que era mentira dele, como não havia de ter pagado com tanto dinheiro como ele tinha.

Os noivos queriam-se muito, mas como estavam zangados ele não a podia ver a ela senão quando ia à missa, que era quando a deixavam sair de casa; e vinha sempre a mãe com ela.

Um dia ele lembrou-se, e vestiu-se com uma roupa muito má, e saiu a pedir de casa em casa, até que chegou à casa dela.

Bateu, e veio a rapariga ver quem era, e quando viu que era um pobre ia já buscar um bocadinho de pão para lhe dar; quando ele chamou-a pelo nome dela.

A rapariga ficou muito admirada, e veio ver o que ele queria.

Então ele disse-lhe:

- Eu não venho para que me dê uma esmola, lembrei-me que a menina tem um noivo, e como não a deixam casar com ele, posso dar-lhe algum recado, se quer.

A rapariga admirou-se que houvesse quem lhe quisesse bem naquela terra, pois todos tinham como ladrão e mentiroso ao pai.

Contudo foi e disse-lhe:

Diga-lhe que a minha mãe me tem todos os dias encerrada num quarto, e me dá muitas sovas e que queria casar-se depressa, e senão morria naquela casa qualquer dia, e que só para comer a deixava sair, que se não tivesse sido àquela hora, não a teria visto.

Então ele disse-lhe quem era, e que o esperasse todos os dias àquela mesma hora.

Ele veio uns quantos dias até que combinaram casar-se, mas ela tinha de fugir com ele.

A rapariga preparou tudo, e uma noite, quando os pais estavam dormindo, levantou-se e foi-se embora com ele.

Ao outro dia foi a mãe ver a filha, e não estava no quarto.

Buscou em toda a casa, e não a encontrou; mandou ver se a encontravam, e ninguém sabia dela.

Passaram muitos anos, e nunca mais ninguém soube da rapariga.

Eles tinham-se casado, e tinham ido muito longe: moravam num grande palácio, e viviam muito bem.

Passado muito tempo apareceu lá uma velhinha a pedir que lhe dessem agasalho.

Mandaram-na entrar, porque fazia muito frio, então a velha lhes esteve contando que lhe tinham roubado uma filha, e que nunca mais a tinha visto; que havia morrido o marido («da velha») e andava sozinha no mundo.

A dona da casa então conheceu a mãe, mas nunca lhe disse nada.

Tratavam-na muito bem, e ali viveram sempre com ela, até que um dia a velha estava para morrer, e então a filha lhe disse onde estava.

Abraçaram-se, e morreu contente.

Periquito e Periquita

Era uma vez uma mãe e um pai, e tinham dois filhos; a um chamavam-lhe Periquito e ao outro Periquita. A mãe era muito rabugenta, e os mandou um dia, a um buscar azeite, e ao outro vinagre, e ao que chegasse primeiro dava-lhe uma coisinha.

Chegou Periquita: meteu-a num quarto escuro e matou-a.

Depois veio o Periquito, e perguntou pela irmã, e a mãe disse-lhe que ainda não tinha vindo. E foi brincar.

Dali a um bocadinho veio ver se tinha vindo a irmã, e a mãe disse que não, mas que não se fosse embora que ela ia levar o jantar ao pai, que não entrasse naquele quarto enquanto ela ia para dentro.

Ele, sem necessidade de ser «curioso», entrou a ver o que ali havia. Estava a Periquita morta.

Calou-se e não disse nada. Quando ia no caminho, encontrou uma velha, e perguntou-lhe porque chorava; e ele disse-lhe porque a sua mãe tinha matado a sua Periquita.

E ela, a velha, disse-lhe que, quando o seu pai comesse a carne da filha, (que a mãe tinha morto, e que dava ao pai a comer sem ele saber), que apanhasse os ossos e os enterrasse debaixo de um laranjeiro. Dali a dois ou três dias saiu (do chão) a Periquita com um ramo de laranjas. A mãe pediu-lhe uma e ela disse-lhe: - Não, que me mataste!

O pai disse-lhe que lhe desse outra e ela disse-lhe: - Não, que me comeste!

Pediu-lhe o irmão uma e ela lhe disse: - Toma tu todas que me salvaste!

O coelhinho

Era um rei, e tinha uma filha, que de tarde ia pentear-se ao jardim. Tinha uma fita no pescoço, tirou-a e a pôs numa pedra. Veio um coelhinho branco e levou-a. Na outra tarde voltou ali, e tirou um cordão de ouro e o pôs numa pedra, e veio o coelhinho e o levou. Na outra tarde voltou ali, e levava um colar de ouro, e o pôs na pedra, veio o coelhinho e o levou.

Agora a filha do rei caiu doente a pensar no coelhinho. Depois o rei deitou um pregão para ver se havia alguma pessoa que a curasse, porque os doutores não lhe encontravam moléstia nenhuma: se fosse homem moço solteiro, casava com a filha, e se fosse mulher dava-lhe uma fortuna para se arranjar.

Agora ali de uma aldeia saiu uma velha a ver se dizia alguma história à doente, para ver se ficava melhor. No caminho sentou-se a comer, debaixo de uma azinheira: desata o pano, e levava um pão e duas cebolas. Uma das cebolas saiu a rodar: a velha foi atrás a apanhá-la. A cebola meteu-se pelo buraco de uma parede. A velha entrou também, onde encontrou um lume e uma cadeira. Ao pouco tempo puseram-lhe uma mesa para a velha comer; e mais tarde puseram-lhe uma cama para a mulher se deitar.

Depois apareceu o coelhinho ali, e diz:

-Ó meu cordão, ó minha fita, ó meu colar, quem te visse antes de acabar!

No outro dia saiu a velha para o palácio do rei, para contar à filha o que lhe tinha passado no caminho com o coelhinho.

Agora diz a filha do rei para a velha:

-Pois agora vamos nós lá!

Partiram, a filha do rei e a velha ao sítio onde o coelhinho apareceu à velha. Agora chegaram, e estavam duas cadeiras: uma de ouro e outra de prata. Ao pouco tempo puseram-lhe duas mesas, uma de ouro para a filha do rei, e outra de prata para a velha. Mais tarde puseram duas camas, também de ouro e outra de prata para as duas. Depois, ao pouco tempo de se deitarem, apareceu o coelhinho e diz:

-Ó meu cordão, ó minha fita, ó meu colar,
Quem te visse antes de acabar!

Agora diz a filha do rei para o coelhinho:

- Aqui me tens, já!

E ele fez-se num príncipe, que era um encanto, e a filha do rei tirou-o do encantamento.

Foram para o palácio, e trataram de se casar. À velha deram-lhe uma fortuna. Foi para a sua casa, e ficou rica para toda a vida.

Má sorte de um lobo

Era uma porca com sete porquinhos, depois veio um lobo, e queria comê-los; e ela disse-lhe:

- Não estão ainda batizados; vamos batizá-los à fonte e tu és o padrinho.

Ele pôs-se no bocal e a porca, ao dar-lhe o porquinho tirou com ele («o lobo») para dentro do poço e foi-se embora. E o lobo ao fim de três dias saiu, e foi por um caminho adiante; encontrou uma égua com um potro, e disse-lhe:

- Agora como-te o potro, porque tenho muita fome.

A égua respondeu:

- Não, tira-me primeiro este pico.

E ela levantou a pata para tirar-lhe o pico, e deu-lhe um coice na cabeça.

Diz o lobo:

-Quem me fez a mim “batizador” de porquinhos e “tirador” de picos? Que raio que me partisse!

Encostou-se a uma azinheira. E estava um homem cortando; caiu-lhe uma pernada em cima, e ali ficou morto o lobo.